



## A FORÇA QUE VEM DOS BANCOS

---

### The strength coming of the seats

Jilton Moraes<sup>1</sup>

#### Resumo:

Enfoque sobre a participação dos ouvintes no momento da comunicação sermônica, partindo do pressuposto que o pregador conta com o poder do Alto, o entusiasmo e a força dos bancos. Apresenta o culto provendo recursos para a proclamação, alertando os pregadores para a responsabilidade de conservá-los; expõe alguns recursos disponíveis para uma melhor comunicação e finda detalhando a realidade da força que vem dos bancos.

#### Palavras-chave:

Força. Pregação. Ouvintes. Pregadores.

#### Abstract:

Focus on the participation of listeners at the time of the sermon communication, assuming that the preacher has the power from the High, the enthusiasm and the strength of the seats. Displays the service providing resources for the proclamation, warning preachers to the responsibility of keeping them; exposes some resources for better communication and ends detailing the reality of the strength that comes from the seats.

#### Keywords:

Strength. Preaching. Listeners. Preachers.

\*\*\*

### Introdução

Pregar é uma das tarefas mais exigentes que podemos desempenhar: a atuação no púlpito requer força especial. Quem nunca pregou pode minimizar esse trabalho, mas até o dia em que tem sua primeira vez no púlpito. Lembro-me da terrível experiência em minha primeira prédica. Eu tinha 16 anos e me senti sem forças: foi terrível! Com isso tomei a decisão de nunca mais pregar. Mais tarde compreendi que os planos de Deus eram diferentes: ele me queria como pregador. A tentativa de fuga foi inútil.

---

<sup>1</sup> Jilton Moraes – Doutorado livre em Teologia, STBNB (1993); Notório Saber em Teologia, EST (2010). Membro do Conselho da RedLAH; vasta experiência como homileta e pregador. Mais de 40 anos de atividades pastorais, dirigiu igrejas da CBB, em Fortaleza, Belém, Teresina e Recife. Ensina Homilética há 40 anos; tem servido como pregador, professor visitante escritor e consultor. Tem doze livros publicados, oito dos quais na área da pregação.

No começo julguei que o tempo e a experiência me dariam segurança para pregar sem aquele *friozinho na barriga*, mas eu estava enganado. O tempo passou, mas o friozinho continuou presente, não me considero autossuficiente no púlpito. E nenhum pregador cristão, consciente da missão o será. A realidade é que precisamos do Poder do Alto. Jesus assegurou que os discípulos receberiam poder quando o Espírito Santo descesse sobre eles, e seriam suas testemunhas (Atos 1.8). Dependemos da força do Senhor!

### **Pregador autossuficiente resulta em pregação ineficiente**

O nosso aprimoramento está ligado ao fortalecimento no Senhor e na força do seu poder (Efésios 6.10). Devemos buscar a indispensável *força de cima* (o Poder do Alto, a direção do Espírito), cultivar a imprescindível *força de dentro* (fé convicção, paixão, entusiasmo), e valorizar a extraordinária força dos bancos (a reação dos ouvintes ao que lhes falamos).

Quanto mais buscarmos conhecer ao Senhor, mais alcance terá a nossa pregação!

Quanto mais buscarmos nos conhecer, mais autêntica será a nossa pregação!

Quanto mais buscarmos conhecer os ouvintes, mais prática será a nossa pregação!

Há uma força em nós! Um pregador fraco é incapaz de motivar os seus ouvintes a grandes realizações. A mesma palavra dirigida a Gideão é válida a nós:

“Vá com a força que você tem” (Juízes 6.14). Convivemos com essa realidade no dia a dia: servimos ao Eterno – é ele quem nos fortalece e, nele fortalecidos, cumprimos a missão.

Na experiência do pregador há outra força. Ela é um importante recurso na comunicação da mensagem: *a força que vem dos bancos*. Significa que até transmitindo a mesma prédica, temos diferentes performances, que variam de acordo com vários fatores, principalmente o auditório. A atitude dos ouvintes diante da palavra que pregamos influencia grandemente o modo como nos comportamos no púlpito. A força que vem dos bancos é capaz de entusiasmar ou amedrontar o pregador; fazê-lo perceber a importância por apresentar a Palavra de Deus ao povo, ou despertar a impressão de está perdendo seu tempo, falando a um povo que não quer ouvir.

A indiferença dos ouvintes não é um problema só da atualidade. Quando Deus chamou Ezequiel para ser pregador, ele o alertou para a força negativa que viria dos bancos.

“O povo a quem vou enviá-lo é obstinado e rebelde. Diga-lhe: Assim diz o Soberano, o Senhor. E, quer aquela nação rebelde ouça, quer deixe de ouvir, saberá que um profeta esteve no meio dela”. (Ezequiel 2.4-5).

No tempo de Jesus foi assim também, ele encontrou auditórios divididos. Até depois de haver ressuscitado a Lázaro, as pessoas estiveram divididas (João 11.45-46).

O problema hoje é que a indisposição para ouvir algumas vezes não vem dos inimigos da Palavra, mas daqueles que afirmam a haver recebido como sua regra de fé e conduta. Apesar disso, mais lamentável que ouvintes perderem o interesse pela Palavra, é a Palavra haver deixado de ser a base na comunicação de muitos pregadores.

### **O culto provendo recursos**

É como parte do culto que a prédica acontece. Quanto mais centrado na Palavra for o culto, mais e melhores recursos provê para motivar pessoas a ouvirem a prédica e praticarem os

seus ensinamentos. No entanto, pregando em igrejas evangélicas, de diferentes denominações, do norte a sul do Brasil, tenho constatado que lamentavelmente alguns cultos perderam essa capacidade de prover recursos para a exposição bíblica, por serem desprovidos de ordem e foco. Não se sabe exatamente porque cada parte acontece e muito menos qual o objetivo do encontro. Em alguns deles o volume de músicas e avisos toma todo o tempo. Quando chega a vez da pregação, o auditório está cansado, impaciente e sem qualquer motivação para ouvir alguém falando por mais alguns minutos.

O culto provê uma atmosfera favorável à pregação quando acontece, desde o seu prelúdio, objetivando preparar as pessoas a dispor o seu coração a ouvir o que Deus tem a lhes falar.

O culto precisa ter música, mas não deve ser transformado em um amontoado de cânticos ou em um desfile de apresentações musicais.

Culto é o lugar solene onde, em comunhão uns com os outros, nos apresentamos diante do Senhor com louvor, ações de graças, confissão, e entrega. E para que isso aconteça precisamos nos dispor a ouvir o anúncio da Palavra.

### **Conservando os recursos do culto**

Há ocasiões quando o culto provê os recursos e o pregador os despreza. O ambiente favorável à proclamação foi criado: o auditório está reverente, mas o pregador resolve começar contando uma de suas ilustrações humorísticas que faz todo mundo rir. As pessoas estão prontas a receber a mensagem, mas o pregador principia falando sobre vários assuntos que nada tem a ver com a Bíblia e muito menos com a realidade dos ouvintes. O culto até preparou os fiéis dentro do texto bíblico que seria básico, mas o pregador tão somente o lê e dele se distancia tanto que nunca mais encontra o caminho de volta. O texto foi lido como simples pretexto. Não adianta um culto bem planejado se quem prega não tem senso de organização. Por mais que as demais partes sejam organizadas, se a prédica não se encaixar, a harmonia será prejudicada.

### **Os recursos da pregação**

O que fazer para podermos contar com a força que vem dos bancos? Uns poucos fiéis mais piedosos oram enquanto ouvem a prédica. A força que vem deles independe do modo como pregamos. Se a mensagem for boa eles oram realizados; e, quando não é boa, suplicam ajuda do Alto para que o pregador se encontre e encontre o caminho para o amém final.

Diante de um auditório irreverente ou indiferente temos a responsabilidade de conquistar a atenção das pessoas que ali se encontram. E a fórmula é seguirmos o caminho do equilíbrio entre a explanação, ilustrações e aplicação. As pessoas vão ao templo desejando ouvir a Palavra de Deus e quando isso não acontece, a queixa vem dos bancos, como protestou um ouvinte: “Por que esse texto bíblico foi lido, se foi completamente esquecido ao longo de todo o sermão? Seria mais honesto não ter lido um texto”.<sup>2</sup>

A falta de biblicidade nas prédicas é algo tão presente que tem se tornado uma das maiores queixas dos ouvintes na atualidade. O texto bíblico precisa ser explanado. Depois de ouvir a prédica os ouvintes precisam sair com uma melhor compreensão do texto básico.

---

<sup>2</sup> MORAES, Jilton. *O clamor da igreja*. São Paulo: Mundo Cristão, 2012. p. 71.

Precisamos compreender que o texto bíblico está para o sermão assim como o tecido está para o bordado: é impossível fazer o bordado sem o tecido, é impossível pregar sem o texto bíblico.<sup>3</sup> Prédica sem base bíblica não passa de um discurso qualquer: a marca distintiva da pregação cristã é o fato de ser explanação da Palavra de Deus – um texto bíblico é aberto, lido e explanado.

Outro fator a considerar é que além de explanado o texto precisa ser atualizado. Precisamos reconhecer que há um abismo entre dois mundos. Em uma extrema está o texto; na outra estão os ouvintes, suas necessidades e anseios.

Na realidade, a força que vem dos bancos depende do estímulo que procede do púlpito: um púlpito que nada oferece, nada recebe! E o púlpito na atualidade está em declínio. Isso fica evidente quando conhecemos livros como: 101 coisas para fazer durante um sermão chato (maçante). Muita gente pergunta: Onde posso comprá-lo?

É urgente uma nova reforma na pregação! Não dá para continuar sumulando no púlpito! Os recursos na prédica precisam ser aproveitados! Além da biblicidade e da atualidade, uma boa prédica tem: proximidade, brandura, profundidade, equilíbrio, objetividade e praticidade. Algumas igrejas estão definhando por causa da fraqueza do púlpito!

A força que vem dos bancos pode até variar de acordo com a denominação, igreja local, ou a religiosidade de cada fiel, mas um fator que não pode ser negligenciado é que a força que vem dos bancos exige reciprocidade: os bancos fortalecem o púlpito, mas o pregador é responsável em fortalecer os seus ouvintes.

## Referências

MORAES, Jilton. *O clamor da igreja*. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.

---

<sup>3</sup> MORAES, 2012, p. 57.